

# HOMO VIATOR

## Uma reflexão sobre a contingência como uma viagem para o infinito

*Prof. Dr. Dr. Iosif Bosch*

Bispo de Pátara

Patriarcado Ecumênico

«(...) o próprio Jesus se aproximou, e ia com eles.»

Lc. 24:15.

*Se partires um dia de volta a Ítaca,  
pede que o caminho seja longo,  
rico de experiências, rico de saber.  
Não temas lestrigões nem os ciclopes,  
nem nunca o Posidon furibundo;  
não acharás aqueles seres na tua rota,  
se for alto o teu pensamento  
e sutil emoção mantiveres em teu corpo e teu espírito.  
Nem ciclopes, nem lestrigões,  
nem o Posidon bravo acharás nunca,  
se tu mesmo não os trouxeres em tua alma,  
se a tua própria alma não os puser diante de ti.*

*Pede que o caminho seja longo!  
Sejam numerosas as manhãs de verão nas quais tu,  
com prazer, com felicidade,  
aportes em baías nunca vistas;  
demora-te em empórios da Fenícia  
e compra belas mercadorias,  
madrepérola e coral, e âmbar, e ébano,  
perfumes deliciosos e diversos;  
quanto puderes, investe em perfumes,  
voluptuosos e delicados.  
Visita muitas cidades do Egito e,  
com avidez, aprende dos seus sábios.*

*Guarda Ítaca sempre na memória.  
A tua meta é lá chegar.  
Mas não apresses a viagem.  
Melhor é que ela dure longos anos,  
e que chegues à tua ilha na velhice,*

*com o que tiveres ganho pela estrada,  
sem esperar que Ítaca te enriqueça.*

*Ítaca te presenteou uma bela viagem.  
Sem Ítaca, não terias te aventurado.  
Mas nada além ela te dará.  
Mesmo que a encontres pobre,  
Ítaca não terá te enganado.  
Rico em saber e em vida, como voltaste,  
entendes, por fim, o que significa uma Ítaca.*<sup>1</sup>

## I

Tendo comido do fruto do conhecimento do bem e do mal no Paraíso em desobediência ao mandato divino, o homem torna-se um «emigrante do Reino». A sedução da serpente significa a «*expatriação*» - o «*exílio*» - do âmbito ontológico natural do homem, que é a comunhão direta com o seu Criador. Essa primigênia «*expatriação ontológica*» - e, conseqüentemente, espiritual - produzirá no homem um vazio existencial que se caracteriza pelo «*perambular*», pelo «*vagar*» no mar da contingência sem que tenha um ponto de referência concreto e fixo.

Com o exílio do Éden tem início um caminho sinuoso e árduo pelo qual o homem deve transitar. Rompida a comunhão com o Criador e anulada por completo a capacidade de se assemelhar a Ele, o caminho a ser seguido é um percurso dramático e trágico, onde a contingência, a relatividade e a casualidade desempenham um papel fundamental como um devir que asfixia e impede a primitiva abertura para o Infinito.

Agora a finitude se encontra consigo mesma e se fecha nela; agora a creaturalidade aparece desnuda de sua original estirpe; agora é necessário «transitar» esta nova condição para um porvir totalmente eventual, caracterizado por uma distância - quase infinita - que o tinge de impossibilidade.

O «*exílio ontológico*» do homem produz em seu interior uma fratura que o impede de ver as coisas tais como elas são<sup>2</sup>: daí a dúvida

---

<sup>1</sup> CAVAFIS, C. P., Antología poética, Alianza Editorial, Madrid 1999.

<sup>2</sup> Rm. 1: 24-25: "Por isso Deus os entregou, nas concupiscências de seus corações, à imundícia, para serem os seus corpos desonrados entre si; pois trocaram a verdade de Deus pela mentira, e

continuada; o temor; a tristeza; a inquietação e, finalmente, o desespero. As consequências da queda de nossos ancestrais são a corrupção e a morte da alma e do corpo. Doravante, os limites são demarcados, até mesmo com brutalidade; doravante, temos de refazer o caminho «entre» esses limites que a natureza criada determina inexoravelmente.

Então, o «*devoir criado*» se faz caminho. É uma caminhada contínua entre o ser e o nada; de uma contínua oscilação entre o «ser» e o «vir-a-ser»; entre a vida e a morte; entre a possibilidade e sua conclusão; entre a creaturalidade e sua transcendência; entre prazer e liberdade; entre o indivíduo e a pessoa; entre a contingência e a sua absoluta e perdida contraparte<sup>3</sup>.

De sua parte, Deus - paradoxalmente no *pleroma* desta contingência<sup>4</sup> -, também empreende, poder-se-ia dizer, o seu próprio «exílio»<sup>5</sup>; um exílio salvífico<sup>6</sup>; um exílio de amor<sup>7</sup>, para que possamos ser «repatriados» para o Reino<sup>8</sup>. Então, «*Exílio*» torna-se «*exílio*»<sup>9</sup>: aquele que

---

*adoraram e serviram à criatura antes que ao Criador, que é bendito eternamente. Amém.*" (Grifo e negrito do autor)

<sup>3</sup> LOSSKY, V., Teologia Mística da Igreja do Oriente, Herder, Barcelona 1982, p. 91: "A natureza é o conteúdo da pessoa, a pessoa é a existência da natureza. Uma pessoa que se afirma como um indivíduo que se fecha dentro dos limites de sua natureza particular não pode se realizar plenamente: ele se empobrece. Renunciar ao seu próprio conteúdo, dando-o livremente, deixando de existir por si só, é como a pessoa se expressa plenamente na natureza única de todos.

<sup>4</sup> Gl 4: 4-5.

<sup>5</sup> Refiro-me à encarnação do Logos eterno como *kenosis*. Fp 2: 6-11: "Ele, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai".

<sup>6</sup> Jo 3:17: "Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele."

<sup>7</sup> Jo 3: 16: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna."

<sup>8</sup> Mt 2: 3: "Arrependei-vos, porque o reino dos céus chegou."

<sup>9</sup> 1Tim. 2: 6: "ὁ δὸς ἑαυτὸν ἀντίλυτρον ὑπὲρ πάντων, τὸ μαρτύριον καιροῖς ἰδίοις;" "O qual se deu a si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo"; Mateus e Marcos (Mt. 20:28; Mc. 10:45) utilizam a palavra λύτρον –resgate–, enquanto que Paulo fala de ἀντίλυτρον, isto é, "vítima pelo resgate". Ambos os termos correspondem à missão crística: Cristo é o "resgate" em si mesmo, Ele é a salvação, porém, ao mesmo tempo, e sob outra ótica, se dá como "penhor" pelo resgate: *Ele é quem resgata, o resgate e o que é dado em troca do resgate*": Σὺ γὰρ εἶ ὁ προσφέρων καὶ προσφερόμενος καὶ προσδεχόμενος καὶ διαδιδόμενος... *Porque Tu és o que oferece e é oferecido; o que recebe e é distribuído...* (Oração do Cheruvikón, da Anáfora de São João Crisóstomo).

está além do tempo e do espaço, aquele que transcende toda dimensão criada, aquele que tem domínio sobre todas as coisas «*emigra*» da glória que é sua como «unigênito» do Pai e toma a natureza humana exilada – *caída* - para uni-la à natureza divina incriada e terminar assim com o «*exílio ontológico*» iniciado no Éden<sup>10</sup>.

## II

Desde então, estamos acompanhados na viagem: *é uma jornada contínua para Emaús*<sup>11</sup>. Desde então, a contingência se abre completamente para o Infinito; a eventualidade - *antes cativo* - é agora um meio de alcançar o Reino; a possibilidade, uma oportunidade; e nossa natureza, plena receptividade das energias divinas incriadas.

Pareceria, porém, que o drama continua. Sim, está certo, já que a final «*repatriação ontológica*» operada por Cristo não anula nossa liberdade, nossa «autossoberania». Cada um escolhe qual caminho seguir. Muitos ainda consideram a «*expatriação existencial*» como sua própria pátria. O fim do exílio exige sem mais que «*deixemos*»<sup>12</sup> livremente nosso *exílio*, que o abandonemos, que o deixemos para trás e empreendamos outra aventura, outra viagem, com coordenadas e destino diametralmente opostos: *homo viator*.

*Homo viator*: o homem que caminha continuamente, se move,

---

<sup>10</sup> “(...) ὅπου Θεὸς δὲ βούλεται, νικᾶται φύσεως τάξις, ὡς γέγραπται.” “(...) onde (e quando) Deus quer, a ordem natural é sobrepassada, como está escrito”. “Ὁ ἀχώρητος παντί, πῶς ἐχωρήθη ἐν γαστρὶ; ὁ ἐν κόλποις τοῦ Πατρὸς, πῶς ἐν ἀγκάλαις τῆς Μητρὸς, πάντως ὡς οἶδεν ὡς ἠθέλησε καὶ ὡς, ἠυδόκησεν, ἄσαρκος γὰρ ὢν, ἐσαρκώθη ἐκόν, καὶ γέγονεν ὁ Ὡν, ὁ οὐκ ἦν δι’ ἡμᾶς, καὶ μὴ ἐκστὰς τῆς φύσεως, μετέσχε τοῦ ἡμετέρου φυράματος. Διπλοῦς ἐτέχθη, Χριστὸς τὸν ἄνω, κόσμον θέλων ἀναπληρῶσαι.” “Como pode ser contido em um ventre Aquele que nada pode conter? E, como foi levado nos braços de uma mãe, Aquele que está no seio do Pai? Tudo isto se deu de acordo com a sua complacência, vontade e conhecimento; pois, sendo Ele incorpóreo, fez-se carne por sua própria vontade; e, Aquele “*que-é-o-que-é*”, por nós tornou-se o *que não era*. Mas sem se separar de sua própria essência, Ele compartilhou nossa natureza. Cristo nasce com duas naturezas, desejando encher o mundo celestial!” (*Kathismata das matinas da Natividade*). A superação da ordem natural deve ser entendida, segundo a Tradição Patrística Oriental, segundo a relação criado-Incriado, isto é, como *sinergia* entre uma região e outra do ser, enquanto que o milagre da encarnação é o zênite daquela relação que se dá pela vontade de Deus.

<sup>11</sup> Lc. 24:15: “(...) o próprio Jesus se aproximou, e ia com eles”.

<sup>12</sup> Ex. 3: 7-8: “Então disse o Senhor: Com efeito tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheço os seus sofrimentos; e desci para o livrar da mão dos egípcios, e para o fazer subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel; para o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu.”

procura, busca, refaz um caminho relacional sem fim; *homo viator: imitatio Christi!* trata-se de curar continuamente os estigmas do antigo exílio através de um itinerário que exige que excedamos nossos próprios limites - a própria terra - e adentremos na terra do outro; não como invasão ou intrusão, não!, mas para convidar o outro a que entre também em nossa terra e juntos a compartilhemos<sup>13</sup>.

Uma vez que abandonamos nossos limites - nossa natureza «egótica» -, avançamos então em uma direção que vai se abrindo e se sedimentando no caminho – no sair, no andar, no caminhar, enquanto se caminha<sup>14</sup> - em convergir com o outro em uma terra, em uma extensão que agora é comum a todos em virtude da operação crística<sup>15</sup>. É uma jornada dramática e kenótica, mas não como antes, porque agora é ao mesmo tempo purificante e edificante, gloriosa e que aperfeiçoa; agora é um caminho «paradoxal», uma vez que a transcendência metafísica incriada encontra<sup>16</sup> sua «contrapartida ontológica<sup>17</sup>» na contingência criada, enquanto a recria continuamente, aperfeiçoando-a e evoluindo-a em direção à sua conclusão final.

Agora podemos contemplar claramente uma só realidade; agora, finalmente, tomamos consciência de que a contingência, nossa antiga “*prisão ontológica*” - haja paradoxo! - é parte da eternidade incriada, isto é, uma «*participação participada e participante*» por Graça de d’Aquele «*que-é*» por natureza<sup>18</sup>.

---

<sup>13</sup> Refiro-me alegoricamente à existência do outro e à sua natureza. Nesse contexto, transcender meus limites aponta para “relação”, não de invasão; aponta para desconstrução do ego que se dá como consequência de uma relacionalidade saudável e criativa.

<sup>14</sup> 14. O poeta (Antônio Machado) dirá: Caminhante, não há caminho; caminhando é que se faz o caminho! ...

<sup>15</sup> LOSSKY, V., Teologia Mística da Igreja do Oriente, Op. Cit., P. 91: "A pessoa se torna a imagem perfeita de Deus adquirindo a semelhança, que é a perfeição da natureza comum a todos os homens. A distinção entre pessoas e natureza reproduz na humanidade a ordem da vida divina expressa pelo dogma trinitário. É o fundamento de toda antropologia cristã, de toda a moralidade evangélica, porque o cristianismo é uma ‘imitação da natureza de Deus’, segundo o julgamento de São Gregório de Nissa".

<sup>16</sup> Na realidade, a natureza criada configura a incriada!

<sup>17</sup> TEILHARD DE CHARDIN, P., *Escritos Essenciais*, Sal Terrae, Santander 2001, p. 37:

"Resplendores púrpura da Matéria, girando insensivelmente ao ouro do Espírito, para transformar-se finalmente na incandescência de um Universal-Pessoal; todo ele atravessado, animado, embalsamado por um sopro de união, e do Feminino, Tal experimentei em contato com a terra, a Diafaneidade do Divino no coração de um universo de fogo. O Divino irradiando das profundezas de uma matéria iluminada (...)"

<sup>18</sup> ΜΑΤΣΟΥΚΑ, Ν., Δογματική και Συμβολική Θεολογία Β΄, Ἐκθεση τῆς ὀρθόδοξης πίστεως σέ ἀντιπαράθεση μέ τή δυτική χριστιανοσύνη, Ἐνθ. Ἀνωτ, pag. 165. Esta afirmação que à primeira

### III

O poeta heleno - para além de uma profunda frivolidade descritiva<sup>19</sup> que sempre o caracterizou – sobeja das profundezas do seu significado para um empirismo *quase patrístico*, atrever-me-ia *audazmente* a dizer. Poderíamos extrapolar simbolicamente ou alegoricamente os principais emblemas do poema - *Ítaca, o caminho, a viagem* - em uma perspectiva cristã. Não é necessário. Mais do que impropriedade, seria (até) redundante. Não obstante a presumida frivolidade<sup>20</sup> cavafiana é um *meio*: a exaltação grosseira da contingência - da brutal realidade -, porém, não sem colocá-la no marco que a desloca em direção ao Infinito<sup>21</sup>.

Todo o poema é uma verdadeira hermenêutica do *Homo Viator* medieval. Kavafis nos apresenta o caminho como destino e vice-versa.<sup>22</sup> O caminhar, no entanto, é o meio que evoca - e resume - o fim; e *vice-versa*: novamente o paradoxo! *O caminhar, o sair, o marchar*: novamente alude, em uma chave cristã, a *kenosis*. O poeta nos fala sobre a «*experiência*» do curso. É a experiência que nos aperfeiçoa, porque é no caminho onde o destino é intrinsecamente realizado. Então, compreendemos a experiência como *ascese*, como exercício – *hic et nunc* - que nos garante o destino mesmo: misteriosamente, o exercício é a - «*sincrônica*» - consecução do desígnio.

---

vista pode ser considerada como uma expressão panteísta, é absolutamente consistente com a tradição ortodoxa que distingue a essência e a energia de Deus e, desta forma, pode estabelecer a relação consequente entre a criação e seu Criador.

<sup>19</sup> Vale novamente o paradoxo.

<sup>20</sup> A "frivolidade" em questão não a considero pejorativamente. Na verdade, como um meio, é uma instância tão necessária quanto o próprio empirismo - o *ἐντεῦθεν* -, que se converte em chave de leitura para toda experiência humana que se auto transcende e se resume na vida mesma como um reflexo do mais além – do *ἐκεῖθεν*.

<sup>21</sup> "Eu amo a igreja - suas hexaptérigas,

a prata de seus vasos sagrados, seus candelabros, as luzes, seus ícones, o púlpito.

Quando eu entro na igreja dos helenos:

com a fragrância do seu incenso, com as vozes e música litúrgica,

a majestosa presença dos sacerdotes

e o ritmo grave de cada um dos seus movimentos

-resplandecentes nos ornamentos das vestimentas -

meu pensamento vai para as grandes honras da nossa raça,

para a nossa gloriosa Bizantinidade". (C. Kavafis, Na Igreja)

<sup>22</sup> De fato, para nós cristãos, o caminho e o destino são a mesma coisa, ou melhor, a mesma pessoa.

Jo 14: 6: "Disse-lhe Jesus: 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim'".

Nossa vida é uma jornada contínua, uma peregrinação, um migrar incessante em muitas direções e de acordo com as muitas dimensões de nossa existência. O importante é que a experiência seja uma *nova e contínua viagem a Emaús*:

Que essa célebre viagem seja o protótipo da nossa: da tua; da minha; que durante essa viagem aprendamos a adquirir a Graça para reconhecer quem nos acompanha; e que, quando por fim, O «re-conheçamos», não nos culpemos por não te-Lo re-conhecido desde o início, e assim sempre agradeçamos pelo caminho que percorremos - e por transitar -, pelas suas contingências; e porque, enfim, intuímos que, desde o princípio, Ele estava conosco; e já havíamos chegado ao nosso destino<sup>23</sup>.

---

Traduzido do espanhol por  
Pe. André Sperandio, em 30/04/2019

---

<sup>23</sup> Rm 8: 29-31: «Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos; e aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou. Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?